

A EXPOSIÇÃO SOBRE FIGURAS E PANORAMAS DA MEDICINA DE OUTROS TEMPOS, NO HOSPITAL DE SÃO JOSÉ E A PRIMEIRA MEDALHA DE HOMENAGEM A SOUSA MARTINS

COMUNICAÇÃO REALIZADA EM ASSEMBLEIA GERAL DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES, EM
SESSÃO DE 10 DE FEVEREIRO DE 1955.

POR ROCHA SOUTO

1 — INTRODUÇÃO

- Il.^{mos} Srs. Presidente, e Membros da Mesa desta Assembleia Geral; e
- Ex.^{mos} Srs. Consócios, da Associação dos Arqueólogos Portugueses:

As minhas primeiras palavras são de respeitosas saudações para V.^{as} Ex.^{as}, com quem, pela primeira vez, tenho a honra de colaborar, em sessão de Assembleia Geral desta prestimosa Instituição.

Por iniciativa da Ilustre Mesa da Comissão de Numismática e de Sigilografia, Comissão a que me honro de pertencer, — foi proposto a esta Assembleia Geral, e por ela aceite, que eu fosse designado para repetir, perante V.^{as} Ex.^{as}, uma comunicação, intitulada «A Exposição sobre Figuras e Panoramas da Medicina de Outros Tempos, no Hospital de São José — e a primeira medalha de homenagem a Sousa Martins», comunicação que realizara, já, em sessão de 14 de Dezembro do ano findo, — honra e cargo de que não deveria escusar-me, e que gostosamente cumpro, ampliando, agora, em certa medida, o objecto da minha anterior comunicação, para desfastio dos Ilustres Consócios da Comissão de Numismática, que aqui se encontram presentes neste momento.

Publicaram os jornais a seu tempo a notícia, e sabiam-no possivelmente V.^{as} Ex.^{as}, de que foi inaugurada e esteve patente ao público, no Hospital de São José, de Lisboa, durante o mês de Novembro do ano findo, uma interessantíssima exposição, organizada pelos Ex.^{mos} Srs. DR. EUGÉNIO MAC BRIDE, Distinto Director Clínico do Hospital de Curry Cabral; PROF. DR. FREITAS SIMÕES, Lente de Obstetrícia e de Ginecologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, e Ilustre Director da Maternidade de Magalhães Coutinho, nesta cidade; e Srs. DRS. GUILHERME ALVELOS, AUGUSTO LAMAS, e ELVAS PORTUGAL; sem esquecer, também, os nomes dos Srs. DRS. FARTO LEONE, e SANTA CLARA AGRELA, o primeiro dos quais foi, segundo me informou gentilmente o Sr. DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES, o incansável organizador do interessantíssimo Catálogo daquela Exposição, do qual o Sr. PROF. DR. REINALDO DOS SANTOS afirmou, no respectivo Prefácio, que, se daquela Exposição nada mais ficasse, senão o Catálogo, já ficaria — conforme bem diz — alguma coisa de bem útil.

A referida Exposição, que esteve patente ao público até ao dia 17 do mencionado mês de Novembro de 1954, representou uma homenagem à memória do falecido Sr. DR. ALBERTO MAC BRIDE, referiu-se às «*Figuras e Panoramas da Medicina de Outros Tempos*», e compôs-se de 572 espécies, entre as quais numerosas e autênticas raridades, e designadamente de diversas medalhas, relacionadas com o exercício da Medicina em Portugal, e com as mais notáveis figuras de Médicos, nacionais e estrangeiros.

Ora, uma das mais curiosas, e das mais antigas medalhas, — se não a mais antiga — das que figuraram nesta curiosíssima Exposição, foi a primeira das quatro medalhas sucessivamente dedicadas ao grande Médico e Cirurgião DR. JOSÉ TOMÁS DE SOUSA MARTINS, e cuja história se não encontra ainda suficientemente conhecida, pelo que me lembrei de fazer, na Comissão de Numismática, e ainda que em breves palavras, o estudo, tanto quanto possível completo, da referida medalha.

Trata-se da *peça n.º 290* do perfeitíssimo Catálogo elaborado para aquela Exposição, peça que o Sr. DR. EDUARDO NEVES me referiu ser pertença do Sr. DR. EUGÉNIO MAC BRIDE, e que é descrita da seguinte forma, de certo modo misteriosa, para quem não conheça a história da referida peça:

«*Medalha de José Tomás de Sousa Martins, com o N.º 12 — G. R. Fernandes, por Simões de Almeida*».

Ora, o que querará dizer este «*N.º 12*»; quem será este «*G. R. Fernandes*»; e que papel teria tido, na verdade, SIMÕES DE ALMEIDA, na feitura da medalha de Sousa Martins — são perguntas a que prometo responder, no desenvolvimento das presentes considerações.

2 — A FIGURA DO DR. SOUSA MARTINS

O DR. JOSÉ TOMÁS DE SOUSA MARTINS, cuja figura todos conhecemos, de a vermos, quanto mais não seja, no segundo dos monumentos que lhe foram dedicados em Lisboa, e que se ergue perante a hoje antiga Faculdade de Medicina de Lisboa, no Campo de Sant'Ana, antigo Campo dos Mártires da Pátria, desta cidade, era filho de *Caetano Martins* e de *D. Maria das Dores de Sousa Martins*, nasceu em Alhandra aos 7 de Fevereiro ou de Março de 1843 — e digo de Fevereiro, ou de Março, visto haver discrepância entre a data do nascimento constante do registo de baptismo e a data apontada pela tradição familiar, que são, respectivamente, a de 7 de Fevereiro e a de 7 de Março de 1843 — e faleceu, também em Alhandra, aos 18 de Agosto de 1897, com 54 anos de idade, e a meio de uma brilhantíssima carreira.

O seu prestígio seria mesmo de tal ordem, que, segundo refere o Sr. DR. XAVIER DA CUNHA, o próprio Senhor REI D. CARLOS, ao saber da morte de Sousa Martins, e num arrebatamento de comoção, teria afirmado que, com ele, se apagava a mais brilhante das luzes do seu reinado.

Dotado de admirável inteligência, frequentou primeiramente o Curso de Farmácia, e em seguida o Curso de Medicina, durante o qual obteve elevadas classificações, e variadíssimos prémios.

Em 1874, com 31 anos de idade, entrou como médico para o Hospital Real de São José, onde foi Director da Enfermaria de São Miguel, e o primeiro médico que ingressou naquele Hospital, formado pela Escola Médica de Lisboa.

Pelos seus méritos extraordinários, foi Lente de Patologia Geral na referida Escola Médica de Lisboa, Cavaleiro da Ordem de São Tiago, e Membro da Academia Real das Ciências, da Sociedade das Ciências Médicas, e de nada menos de 15 outras instituições e sociedades científicas.

Dedicado, com verdadeiro amor, à sua profissão e actividade de médico, fez parte de numerosas comissões de serviço público, tais como a da Farmacopeia, em 1871; a das Quarentenas, em 1872, 1875 e 1879; e do Congresso Sanitário de Viena de Áustria, em 1878, sem falar já no Congresso de Veneza, onde, — como disse graciosamente um contemporâneo de Sousa Martins — «o nosso país viu um filho seu, barba por barba, com o melhor que lá mandou a Europa culta»...

Como escritor, Sousa Martins publicou numerosos trabalhos de natureza científica, em 1866, 1867, 1868, etc. — *mas a sua qualidade verdadeiramente fundamental foi, não já pròpriamente a de escritor, mas sim a de orador fluente e correcto*, quer do alto da cátedra, quer em simples conversa com os seus amigos e doentes, a tal ponto que o próprio CAMILO CASTELO BRANCO, figura

gigantesca de polemista e de escritor, que foi amigo e doente do grande Sousa Martins, veio a contar um dia a outro grande médico, também amigo do insigne clínico, e quando a doença do mesmo Camilo Castelo Branco se mostrava já de natureza incurável, que, se as drogas que Sousa Martins o fazia ingerir o deixavam na mesma, ainda assim gozava, ao menos, e na companhia do ilustre médico, o melhor quarto de hora de cavaco quotidiano, que até ali lhe tinha sido possível encontrar.

Bem mais conhecido seria aliás, hoje, Sousa Martins, se, em vez de insigne Professor, e de notabilíssimo Médico, tivesse enveredado pelo caminho, para ele certamente mais fácil, e então manifestamente mais corrente, da oratória parlamentar, ou da política, a que, todavia, nunca se dedicou, tendo recusado, mesmo, e segundo refere ROCHA MARTINS, «os arminhos de Par do Reino, em 1880».

Conforme disse sugestivamente RICARDO JORGE, «despontando do peito as garras do abutre da ambição, não desbaratou na praça pública a palavra, que, como a do Sinai, podia dominar o estrondear das multidões».

Considerando a sua figura excepcional de *orador*, de *artista* e de *letrado*, de *médico*, de *professor*, e de incansável *cientista*, dele escreveu o seu contemporâneo e não menos conhecido médico DR. RICARDO DE ALMEIDA JORGE, em 1897, os curiosíssimos passos que não resisto a reproduzir perante V.^{as} Ex.^{as}, e que foram publicados, no século passado, pela «*Gazeta Médica*» do Porto.

«Nada mais belo» — diz *Ricardo Jorge* — «que vê-lo e ouvi-lo, quando se lhe incendia a frase».

«A boca franzida em ómega, a boca de oiro, desprendia-se, em modulações fonéticas, tanto em destaque sobre o palavrear comum, como um trecho de Wagner sobre o vozear das multidões».

«E, na cabeça transfigurada, estacava-se o cabelo ouriçado em aflúvio, como se o cérebro subjacente, na atração velocíssima da ideia e do verbo, fosse foco de potencial eléctrico».

«Sousa Martins,» — di-lo Ricardo Jorge — «salvo o efeito oratório, que não podia ser maior, tinha uma naturalidade de emissão e uma prontidão de improvisado em tal grau, que não creio que tenham sido jámais excedidas por orador algum».

«Por toda a parte onde tinha de desprender a língua, nas lições da cadeira, na discussão académica, ou na palestra das rodas, — por toda a parte era o mesmo, sempre facundo, sempre brilhante».

Como diz curiosamente o mesmo RICARDO JORGE, Sousa Martins «nem padecia das quebras de Cícero, — nem precisava dos tratos de Demóstenes».

E, mais adiante, diz ainda RICARDO JORGE que, «por alevantado que

façam o escritor, e não podia deixar de sê-lo, o Sousa Martins escrito é apenas uma imitação do Sousa Martins falado».

«Também,» — di-lo — «estranho fôra que, duplo Prometeu, roubasse o trovão que ressoava na palavra de José Estevão, e o raio que coriscava na pênna de Camilo».

Por outro lado, e sob o ponto de vista da cultura geral, é também o insuspeito Ricardo Jorge quem define, assim, a figura de Sousa Martins:

«Artista e letrado, foi-o, e refinado e raro; artista de hoje em dia, por dilettantismo e compreensão, por gosto estético e alimento intelectual. A nada alheio, abria, ávido, os olhos e os ouvidos, a todo esse magnificente cenário, a toda essa colossal sinfonia, em que se desdobra o culturalismo humano actual, tão ousado que parece eclipsar a obra mítica dos titãs, e abalar, lá no alto, a própria grandeza divina».

Quanto à figura pròpriamente de cientista de Sousa Martins, adentro do campo da Medicina, é ainda o seu contemporâneo quem sugestivamente o define assim:

«Amava-a numa obsessão fremente, e nesse amor se resume toda a sua vida de obreiro malogrado: — por ela viveu, e morreu, como um fanático, e um mártir».

«...Pasmava-me que ele tivesse tempo e capacidade para aguentar a apoia-dura diluvial duma ciência que prodigaliza e desbarata de tal forma os seus materiais, que é pretender o impossível o possuí-la toda».

«Nada o encontrava alheio: — engolfava-se logo nas plagas últimas que o andar da Patologia descobria e franqueava».

«Rompem a Nevrologia e a Psiquiatria no estudo da experimentação e da observação; talha-se uma Patologia nova, fecunda para a clínica e duma larga esfera de aplicação às ciências afins da Medicina: — Sousa Martins assimila de chofre toda essa ciência novíssima dos Krafft-Ebing».

«Ameaça o bisturi vasar as cavidades viscerais, à busca de lesões operatòriamente remediáveis, perante a impotência reconhecida dos meios médicos: — Sousa Martins apostola a cirurgia aventureira, e aprende a contá-la entre os seus indicados terapêuticos, sem pavonear, porém, os abusos da *vis secandi*».

«Esboroam-se a fraseologia e os temas da caduca Patologia Geral; toda a Patogenia se reconstroí *ab imis*, pela Bacteriologia revolucionária e triunfante: — Sousa Martins jura com entusiasmo a religião dos Pasteur e dos Koch».

«A sua enfermaria no Hospital de São José» — diz-nos ainda RICARDO JORGE — «era uma romagem; não podia haver clínica mais douta, nem mais

sugestiva. Prestes e perito na inquirição, formava o sumário do enfêrmo, com uma rapidez, e uma segurança assombrosa; ninguém despojava um doente, desculpe-se o galicismo, nem com mais método, nem com mais elegância, — nem com menos tempo!... O diagnóstico saltava firme, passado à fieira duma experiência esclarecida, e do conhecimento estricto das modalidades mórbidas».

E foi tal o valor de Sousa Martins, como médico e homem de ciência, que o já mencionado DR. RICARDO JORGE — que tão frequentemente cito, pelo duplo valor do seu testemunho, como colega, e como contemporâneo que foi de Sousa Martins — não hesitou em compará-lo, públicamente, em sessão de 6 de Novembro de 1897, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Porto, adentro do campo da Medicina, à figura prestigiosa do grande Camilo Castelo Branco, adentro do domínio da Literatura.

«Entre os meus ídolos, » — disse — «daqueles que todo o homem de affectos intellectuais agasalha no espirito, acolchetei este par — Sousa Martins, e Camilo».

«...Um catava os feitios e os vícios da sociedade portugueza, numa observância prescrutadora; o outro, esmerilhava todas as espécies e modalidades mórbidas que, individual ou colectivamente, *a flux* nos acometem; um e outro se devotaram inteiros à tarefa, sem um dia de descanso, e com tanto ardor que sucumbiram em plena luta, — consumido, um, pela tísica pulmonar, mirrado, o outro, pela tísica dorsal; um e outro gozaram do maior poder de expressão atingível pela locução do homem — um, a máxima eloquência falando, outro, a máxima eloquência escrevendo; um e outro armazenaram colossalmente conhecimentos e saber, numa erudição pasmosa; um e outro eram descendentes de Voltaire» — segundo Ricardo Jorge — «no desentranhar da graça, no jogar da ironia irresistível; um e outro se mantiveram toda a vida fiéis à sua vocação, sem deserção nem desfalecimento, — um, dentro da Medicina, outro, dentro das Letras».

«Ambos de supremo talento, ambos tocados de génio, separava-os a affectividade — um, era crente, outro, era um céptico; mas irmanaram-se, ainda, no destino.»

Produtos do torrão natal, o melhor que nele tem desabrochado, um no Romance português, outro na Medicina nacional — ambos mereciam ter os seus nomes esculpidos — conforme diz, por outras palavras, Ricardo Jorge — na tábua de oiro dos grandes Escriitores, e dos grandes Médicos do universo.

3 — A PRIMEIRA MEDALHA DE HOMENAGEM A SOUSA MARTINS

Assim desenhada, portanto, a prestigiosa e imorredoura figura do Médico e do Cientista que foi Sousa Martins, não admira que, ainda durante a sua própria

vida, — e contrariamente ao que parecia reear Ricardo Jorge — lhe fossem prestadas diversíssimas homenagens, entre as quais a da cunhagem da medalha a que me refiro, e que lhe foi dedicada pelo então Fiel da Casa da Moeda, e antigo gravador, CASIMIRO JOSÉ DE LIMA (1).

Além desta, porém, três outras medalhas lhe foram votadas posteriormente, que eu o saiba,

- 1 — uma, comemorativa da inauguração do primitivo monumento, que lhe fora erigido em 1900;
- 2 — outra, dedicada à memória do grande Médico, em 1902, e de grande raridade;
- 3 — e uma última, de que apenas se cunharam dois ou três exemplares conhecidos, na própria altura, e relativamente à inauguração do segundo e actual monumento à memória de Sousa Martins, em 1908, monumento que ainda hoje pode ver-se, — como disse — no Campo de Sant'Ana, em frente da antiga Faculdade de Medicina de Lisboa.

A primeira das quatro medalhas, que é a mais antiga, e a que nos ocupa neste momento, foi cunhada em prata e em bronze, sendo os exemplares de prata por

(1) ARTUR LAMAS, a páginas 343 do seu trabalho «*Medalhas Portuguesas e Estrangeiras referentes a Portugal*», publicado em 1916, diz que esta primeira medalha de homenagem a Sousa Martins foi cunhada por iniciativa do Director da Casa da Moeda, e antigo gravador, Sr. Casimiro José de Lima, ao passo que o DR. XAVIER DA CUNHA, no seu artigo intitulado «A Medalha de Casimiro José de Lima em Homenagem a Sousa Martins», explica mais permenorizadamente, o seguinte:

«O Sr. Casimiro José de Lima é o estimadíssimo Fiel da Casa da Moeda, e possui, como artista, finíssimos dotes de bom gosto e de esmerada perícia. Como gravador, tem ele, desde há muito, os seus altos créditos assinalados em diversas medalhas, que, nas colecções dos numismatas, ocupam um lugar privilegiado».

«Uma dessas medalhas é aquela que o preclaro gravador consagrou em homenagem ao seu amigo dilectíssimo. Um verdadeiro primor, tanto no desenho, como na execução!»

«Desse primor se cunharam em prata dois exemplares, destinado um deles a ser oferecido pelo gravador ao Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha, Director da Casa da Moeda; e o outro dos dois, que pertenceu em tempos a Sousa Martins, está hoje em poder de sua irmã sobrevivente».

«De prata, foram apenas cunhados os dois que menciono. Todos os mais se cunharam em bronze».

Num officio dirigido a Casimiro José de Lima pelo mesmo DR. XAVIER DA CUNHA, na qualidade de Director da Biblioteca Nacional, a cujo Museu Numismático aquele oferecera um exemplar desta medalha, — salientam-se, com as seguintes palavras, o seu alto valor e o interesse com que foi acolhida a respectiva doação :

«Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.:

«Fica devidamente consignado, no livro destinado ao registo das doações feitas a esta

mim conhecidos apenas em número de três, e os exemplares de bronze todos dourados, segundo refere Artur Lamas, e com o diâmetro de 63,5^{mm}.

Sobre ela existe diversa bibliografia, e designadamente os seguintes trabalhos:

1.º — «*A medalha de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins*», pelo DR. XAVIER DA CUNHA, publicado no «*Boletim das Bibliotecas e Arquivos Nacionais*, n.º 2, ano 2.º, relativo a 1903, pág. 112 e segs.;

2.º — «*Lista das Medalhas da Biblioteca Nacional*», pelo DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, no «*Arqueólogo Português*», Vol. 17.º, pág. 68, medalha n.º 79;

3.º — O conhecido trabalho de ARTUR LAMAS, sobre «*Medalhas Portuguesas*», a págs. 343 e segs.; e

4.º — Fotografia, publicada, sem outras referências, na «*Ilustração Portuguesa*», 1.ª série, ano 1.º, n.º 18, de 7 de Março de 1904.

ARTUR LAMAS, diz crer que todos os exemplares de bronze foram dourados, supondo eu, a certa altura, que o exemplar que possuo na minha colecção não chegara a ser dourado, pelo que tal regra se não verificaria rigorosamente, opinião que, no entanto, abandonei, depois de um exame mais detido da referida medalha.

Biblioteca, a que V. Ex.^ª se dignou fazer-lhe, de um exemplar da preciosa medalha, que V. Ex.^ª primorosamente gravou e mandou cunhar em 1894, para glorificação do ilustre, do eminente, do eloquente, do inolvidável Professor José Tomás de Sousa Martins, cuja memória ficará eternamente perdurável na história dos grandes vultos da Nação Portuguesa, Nação que o sobredito Professor enobreceu pelas altíssimas qualidades de que era singularmente dotado.»

«Na qualidade de Director da mesma Biblioteca, cabe-me a honra de agradecer a V. Ex.^ª a sua oferta».

«Biblioteca Nacional de Lisboa, 28 de Fevereiro de 1903».

«O Director, — Xavier da Cunha».

Finalmente, são ainda do DR. XAVIER DA CUNHA, no seu já citado artigo, as seguintes palavras, acerca do valor da primeira medalha de homenagem a Sousa Martins:

«A medalha que o Sr. Casimiro José de Lima destinou à Biblioteca de Lisboa ficará constituindo uma das mais interessantes e das mais estimadas espécies que no respectivo Museu Numismático se arrecadam; ficará outrossim atestando a contemporâneos e a vindouros o acendrado patriotismo por que se recomenda à consideração de todos o festejado gravador».

«E o nome do amável doador permanecerá, como ornamento, no Quadro de Honra em que se inscrevem, por benemerência, as pessoas e corporações que se dignam generosamente brindar com dádivas a Biblioteca Nacional de Lisboa».

Por outro lado, e quanto às medalhas de prata, o DR. XAVIER DA CUNHA diz que só foram cunhados dois exemplares (um, que foi oferecido a Sousa Martins; e outro, que foi dado ao então Director da Casa da Moeda, Conselheiro Augusto José da Cunha), ao passo que ARTUR LAMAS diz ter aparecido à venda, em Lisboa, um terceiro exemplar de prata desta medalha, que ele próprio teria comprado pessoalmente.



Relativamente à sua descrição, o *anverso* ostenta no exergo a data de 1894, em numeração romana, ou seja, três anos antes da morte de Sousa Martins; a legenda, no arco superior, José Tomas de Sousa Martins, escrita em latim; e, no campo, o busto de Sousa Martins, com soberbo relevo. — o melhor relevo que me tem sido dado observar, mesmo, em medalhas portuguesas — voltado à direita, vestido civilmente, com a gravata atada em laço, à maneira do tempo, e de tal rigor na reprodução, que vai ao ponto de mostrar um pequeno sinal que o grande médico tinha junto do nariz.

Ainda no campo da medalha, junto do corte do busto, do lado esquerdo, vê-se a inicial «L», indicativa de Casimiro José de Lima, autor da iniciativa da medalha.

Não obstante, porém, e segundo ARTUR LAMAS refere que então constava, esta inicial do Fiel da Casa da Moeda apenas figuraria na medalha por ter sido ele, como disse, o autor da iniciativa da sua cunhagem, sendo os respectivos cunhos executados por VENÂNCIO PEDRO DE MACEDO ALVES, então 1.º Gravador daquele Estabelecimento do Estado.

Quanto ao busto, que é na verdade admirável, foi modelado pelo escultor JOSÉ SIMÕES DE ALMEIDA JÚNIOR, e, segundo me informou o Sr. DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES, até para uma escultura de Sousa Martins destinada a outro fim, e que depois foi reduzida, num aparelho próprio, para a cunhagem da medalha, — razão por que o catálogo da exposição do Hospital de São José se refere a «Simões de Almeida» como tendo sido o verdadeiro e único autor da medalha, o que não é, portanto, rigorosamente exacto.

Quanto ao reverso, tem na orla uma legenda, que, segundo o SR. DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, teria sido inspirada em Cícero, — «De officiis», Cap. X, onde, porém, aparece «ceteris», e não «ceteros», como nesta legenda, que reza assim:

«ADMIRATIONE ADFICIVNTVR II QVI ANTEIRE CETEROS VIRTVTE PVTANTVR». E, ao centro, em quatro linhas horizontais, ostenta uma inscrição, esta composta por quem delineou a medalha, mas para o que tinha exemplos, segundo o mesmo Sr. DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, em frases latinas correntes, e em algumas do escritor Cornélio Nepos, que o mencionado Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos aponta, e que não merece a pena referir também neste momento, bastando dizer, por agora, que a inscrição que se vê na medalha é a seguinte:

«OPTIMO VIRO DOCTRINA ARTE MEDICA ELOQVENCIA VIRTVTE FIDE PRAESTANTISSIMO DEDICATVM».

Segundo refere ARTUR LAMAS, CASIMIRO JOSÉ DE LIMA distribuiu a diversas pessoas, durante a vida do eminente Médico, cerca de 132 exemplares de bronze desta medalha, tendo cada um deles a particularidade de ostentar, gravado no respectivo bordo, um número de ordem em algarismos árabes, seguido das iniciais do nome, e do próprio apelido da pessoa a quem eram ofertados.

Segundo o SR. DR. XAVIER DA CUNHA, os apelidos teriam sido sempre gravados por extenso, ao passo que ARTUR LAMAS refere, diversamente, que, num exemplar da medalha que fora oferecido a um seu irmão, apareciam simplesmente as iniciais, tanto do nome, como do apelido.

Quer isto dizer, portanto, que a medalha que esteve patente na Exposição do Hospital de São José, foi a oferta «N.º 12», e coube a «G. R. Fernandes», ainda antes da morte de Sousa Martins.

Com efeito, e segundo refere também ARTUR LAMAS, *depois da morte de Sousa Martins*, Casimiro José de Lima distribuiu ainda mais alguns exemplares da referida medalha, todos eles em bronze, — mas sem terem gravados no bordo,

nem o número de ordem, nem o nome do destinatário, o que seria confirmado por um desses exemplares, ofertado por Casimiro José de Lima ao próprio autor do trabalho a que me refiro, que foi Artur Lamas.

Novamente, porém, o tempo nos faz pôr de parte mais uma regra dos que antes de nós se dedicaram a este estudo, porquanto eu próprio possuo, na minha colecção, uma das medalhas com as iniciais gravadas, que mostra que *nem todas as medalhas distribuídas em vida de Sousa Martins tiveram o seu número de ordem, porquanto a que possuo apenas tem gravadas quatro iniciais, que são «J. N. R. P.»*, sem qualquer número de ordem a precedê-las.

Para terminar, e pretendendo esclarecer, tanto quanto possível por completo, a natural curiosidade de V.^{as} Ex.^{as}, acerca de todo o aparente mistério destas duas medalhas, uma da Exposição do Hospital de São José, e a outra da minha própria colecção particular, — resta acrescentar que, quanto à medalha que é pertença do Sr. DR. EUGÉNIO MAC BRIDE, foi a mesma ofertada a «G. R. FERNANDES», uma das mais notáveis figuras da Medicina Portuguesa, e pai, segundo gentilmente me informou o Sr. DR. EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES, dos não menos ilustres Srs. DRS. EUGÉNIO e ALBERTO MAC BRIDE FERNANDES.

Segundo reza, noutro lugar, o próprio e já referido Catálogo da Exposição do Hospital de São José, o Sr. DR. GREGÓRIO RODRIGUES FERNANDES — nome que corresponde a «G. R. Fernandes» — nasceu em 4 de Janeiro de 1849; foi nomeado Cirurgião do Banco em 2 de Março de 1868; e Cirurgião Extraordinário do Hospital em Abril de 1883.

No Hospital Real de São José, foi Director da Enfermaria de São Francisco; e ocupou o cargo de Presidente da Sociedade das Ciências Médicas, desde 1903 a 1905.

Finalmente, publicou vários e valiosos artigos e relatórios, e foi ele quem praticou pela primeira vez em Portugal — a título de curiosidade o digo — a operação chamada de ressecção do joelho, em 1887.

Isto, como disse, quanto à identidade da pessoa a quem foi ofertado o exemplar da medalha de homenagem a Sousa Martins, que esteve patente na Exposição do Hospital de São José.

Porém, quanto à determinação de qual a identidade da pessoa a quem teria sido ofertado, por Casimiro José de Lima, aquele outro e segundo exemplar, da medalha que nos ocupa nesta sessão, tornava-se, evidentemente, mais difícil uma investigação, coroada de êxito, sobre o assunto, visto que o nome do seu des-

tinatório apenas aparece nela, conforme disse, indicada pelas quatro iniciais, maiúsculas, mas misteriosas, «J. N. R. P.».

Saber quem teria sido a pessoa com o nome J. N. R. P., mesmo, e presumivelmente, numa capital como a Lisboa do século passado e princípios deste século, — não era, com efeito, uma tarefa nem fácil nem auspiciosa quanto aos possíveis resultados...

O que é certo, porém, é que, com um pouco de sorte (e algum trabalho), julgo ter determinado, tanto quanto possível rigorosamente, quem foi o misterioso J. N. R. P.

Com efeito, tendo descoberto, depois de outras diligências, que o «*Almanaque Palhares*» começara, em 1903, a publicação de uma lista de nomes, profissões e moradas de comerciantes, industriais, magistrados, funcionários, etc., da cidade de Lisboa, e por ordem alfabética, *tive a oportunidade de verificar que o único nome, dessa lista, que coincide com as iniciais J. N. R. P. é, a páginas 1351, do volume de 1903, o do DR. JOÃO NEPOMUCENO RODRIGUES PINHEIRO, que foi médico, com residência na Rua dos Anjos, n.º 192, 1.º andar.*

Recorrendo, posteriormente, — e após várias outras diligências, que seria ocioso referir agora, pelo insucesso que tiveram — aos arquivos e ficheiros da Ordem dos Médicos, nesta pude verificar que, tendo sido organizada em 1939, nela não constara nunca, desde essa data, o nome do Dr. João Nepomuceno Rodrigues Pinheiro, o que fazia prever que já tivesse falecido, anteriormente à criação da mencionada Ordem.

E, assim, recorrendo, também, ao Arquivo do Hospital de São José de Lisboa, ali pude descobrir e constatar que o Dr. João Nepomuceno Rodrigues Pinheiro foi efectivamente médico na cidade de Lisboa, nomeado Cirurgião Assistente por Despacho de 16 de Agosto de 1894; Director de Enfermaria por Despacho de 20 de Setembro de 1913; e que teria falecido, em Paris, presumivelmente em Setembro de 1927.

Quer dizer:

O Dr. Nepomuceno Rodrigues Pinheiro —

1.º — Foi contemporâneo de Sousa Martins;

2.º — Foi médico em Lisboa, como Sousa Martins;

3.º — Foi Cirurgião e Director de Enfermaria do Hospital — ao mesmo tempo, e do mesmo modo que Sousa Martins;

4.º — Foi nomeado Cirurgião Assistente do Hospital Real de São José, exactamente no mesmo ano de 1894, em que Casimiro José de Lima fez a cunhagem da medalha; e

5.º — É a única pessoa, de entre as indicadas no «ALMANAQUE PALHA-

RES» em época aproximada à da cunhagem da medalha, cujo nome corresponde, inteiramente, às quatro iniciais J. N. R. P., que a mesma medalha apresenta no bordo.

Assim, julgo poder afirmar, sem grandes hesitações, que o Dr. João Nepomuceno Rodrigues Pinheiro foi, na verdade, o contemplado com o exemplar que hoje possuo na minha colecção particular.

A título de curiosidade, direi, ainda, que este médico, segundo notícia que descobri no jornal «DIÁRIO DE NOTÍCIAS», de 18 de Setembro de 1927, foi Director de Enfermaria no Hospital de Arroios, teve o seu consultório no Largo de D. João da Câmara, «com boa escolhida clientela», foi um apaixonado e distinto caçador, e veio a falecer em França, em 1927, quando ali se dirigiu em companhia de sua esposa, D. Dulce Verde Pinheiro, que se encontrava enferma, e para que esta consultasse um especialista de nomeada.

4 — CONCLUSÃO

Aqui ficam, portanto, as observações que me ocorre formular e desenvolver perante V.^{as} Ex.^{as} — e com as quais julgo ter trazido, e ainda que em breves palavras, um contributo mais, embora modesto como não poderia deixar de ser o meu, para o estudo e conhecimento, não só da primeira medalha de homenagem a Sousa Martins, mas também da personalidade de três grandes figuras de Médicos portugueses, que foram o DR. GREGÓRIO RODRIGUES FERNANDES, o DR. JOÃO NEPOMUCENO RODRIGUES PINHEIRO — e o Insigne e Imorredouro DR. JOSÉ TOMÁS DE SOUSA MARTINS.

Tenho dito.

